



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

ANA PAULA SILVA DO NASCIMENTO
DRIELLY PATTY DA SILVA ANTERO
JOSY ALMEIDA MARIANO

**MATERIAIS DIDÁTICOS COMO FACILITADORES DO
PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM: um estudo da
conscientização de adulto na Campanha de Educação Popular da Paraíba –
CEPLAR**

**João Pessoa – PB
2014.1**

ANA PAULA SILVA DO NASCIMENTO
DRIELLY PATTY DA SILVA ANTERO
JOSY ALMEIDA MARIANO

**MATERIAIS DIDÁTICOS COMO FACILITADORES DO
PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM: um estudo da
conscientização de adulto na Campanha de Educação Popular da Paraíba –
CEPLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso
submetido à Universidade Federal da
Paraíba como parte dos requisitos
necessários para a obtenção do Grau em
Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientador: Dr. José Ramos Barbosa da
Silva

**João Pessoa – PB
2014.1**

N244m Nascimento, Ana Paula Silva do.

Materiais didáticos como facilitadores do processo de ensino e aprendizagem: um estudo da conscientização de adulto na Campanha de Educação Popular da Paraíba - CEPLAR / Ana Paula Silva do Nascimento, Drielly Patty da Silva Antero, Josy Almeida Mariano. – João Pessoa: UFPB, 2015.

93f.

Orientador: José Ramos Barbosa da Silva
Monografia (graduação em Pedagogia) – UFPB/CE

1. Educação de jovens a adultos. 2. Conscientização. 3. Material didático. I. Antero, Drielly Patty da Silva. II. Mariano, Josy Almeida. III. Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 374.7 (043.2)

ANA PAULA SILVA DO NASCIMENTO
DRIELLY PATTY DA SILVA ANTERO
JOSY ALMEIDA MARIANO

**MATERIAIS DIDÁTICOS COMO FACILITADORES DO
PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM: um estudo da
conscientização de adulto na Campanha de Educação Popular da Paraíba –
CEPLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso
submetido à Universidade Federal da
Paraíba como parte dos requisitos
necessários para a obtenção do Grau em
Licenciatura Plena em Pedagogia.

Professor Dr. José Ramos Barbosa da Silva
Presidente da Banca – Orientador

Professor Dr. Fábio do Nascimento Fonseca
Examinador

Professor Ms. Luciano Sousa Silva
Examinador

19 de agosto de 2014

**João Pessoa – PB
2014.1**

Dedicamos este trabalho de conclusão de curso aos nossos familiares que contribuíram e incentivaram para que vencêssemos e persistíssemos nesta etapa de nossas vidas. Aos nossos professores que nos fez pensar numa educação transformadora voltada para a mudança social. Aos alunos da Educação de Jovens e Adultos que vem conquistando seu espaço ao longo da história da educação brasileira.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos, primeiramente, a Deus pela vida, pela sabedoria, por todas as conquistas pessoais e profissionais. Especialmente a nossa AMIZADE e companheirismo que persistiu ao longo do curso.

Agradecemos ao nosso Orientador e Professor Dr. José Ramos Barbosa da Silva pela inspiração ao tema de nosso TCC e por todo conhecimento a nós transmitido.

A Salete Van Der Poel, com sua generosidade nos recebeu carinhosamente, nos fazendo conhecer sua história de vida dedicada à educação popular na CEPLAR e sua trajetória educacional.

A todos os professores da Universidade Federal da Paraíba pelo conhecimento, carinho, dedicação e entusiasmo demonstrado ao longo do curso.

Desde muito pequenos aprendemos a entender o mundo que nos rodeia. Por isso, antes mesmo de aprender a ler e a escrever palavras e frases, já estamos “lendo”, bem ou mal, o mundo que nos cerca. Mas este conhecimento que ganhamos de nossa prática não basta.

Precisamos ir além dele. Precisamos conhecer melhor as coisas que já conhecemos e conhecer outras que ainda não conhecemos. (...)

Paulo Freire

Quando o homem compreende a sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim, pode transformá-la e o seu trabalho pode criar um mundo próprio, seu Eu e as suas circunstâncias.

Paulo Freire

RESUMO

Os materiais didáticos são ferramentas fundamentais para a facilitação do processo de ensino e aprendizagem, e a Educação de Jovens e Adultos necessita de materiais que sirvam fundamentalmente ao aluno. Por isso, esse trabalho foi desenvolvido com o propósito de evidenciar e analisar as características dos materiais didáticos da Campanha de Educação Popular da Paraíba (CEPLAR), ressaltando a importância do material didático para a construção de novos saberes, caracterizando-o como facilitadores dos processos ensino e aprendizagem. Para a constatação e análise dessas características, realizamos pesquisas bibliográficas e entrevista com integrante da Campanha para levantamento dos materiais produzidos na CEPLAR. Apesar de alguns materiais serem danificados, e até mesmo perdidos, à época da Ditadura Militar, pode-se apresentar fichas de cultura, lição de conscientização e ficha roteiro destinada à alfabetização de adultos, além do livro *Força e Trabalho* destinado a pós-alfabetização de adultos. Os materiais utilizados na Campanha baseavam-se no Sistema de Alfabetização de Paulo Freire, e tinham como eixo norteador do processo de aprendizagem a palavra geradora. Um material didático enriquecido de textos filosóficos que buscavam a conscientização da massa popular.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos; Conscientização; Material didático.

ABSTRACT

The learning materials are fundamental tools for the facilitation of the process of teaching and learning, and the education of young people and adults require materials that serve primarily to the student. Therefore, this work was developed to highlight and analyze the characteristics of the teaching materials of Popular education campaign of Paraíba (CEPLAR), emphasizing the importance of teaching material for the construction of new knowledge, characterizing it as facilitators of learning and teaching processes. For the observation and analysis of these characteristics, we carry out bibliographic research and interview with a member of the campaign for lifting of materials produced in CEPLAR. Although some material is damaged, and even lost, during the military dictatorship, can present culture sheets, lesson of awareness and plug script intended for adult literacy, in addition to the book and Work Force aimed at this stage of adults. The materials used in the campaign were based on Paulo Freire's literacy System, and had as its guiding axis the learning process the word generator. A didactic material enriched philosophical texts that sought popular mass awareness.

Keywords: Adult and Youth Education; Awareness; Didactic Material.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa de localização das cidades em que a CEPLAR atuou	23
Figura 2 – Capa do Livro Força e Trabalho	39
Figura 3 – Página 01 do curso de preparação de pessoal para Campina Grande	41
Figura 4 – Página 02 do curso de preparação de pessoal para Campina Grande	41
Figura 5 – Página 03 do curso de preparação de pessoal para Campina Grande	41
Figura 6 – Página 04 do curso de preparação de pessoal para Campina Grande	41

LISTA DE SIGLAS

AP – Ação Popular

API – Associação Paraibana de Imprensa

CEAA – Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos

CEPLAR – Campanha de Educação Popular da Paraíba

CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

CPC – Centro Popular de Cultura

EDA – Educação de Adultos

EJA – Educação de Jovens e Adultos

IPM – Inquérito Policial Militar

JOC – Juventude Operária Católica

JUC – Juventude Universitária Católica

MCP – Movimento de Cultura Popular

MEB – Movimento de Educação de Base

PCB – Partido Comunista Brasileiro

SEA – Serviço de Educação de Adultos

SEC-UR – Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife

SUDENE – Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste

UNE – União Nacional dos Estudantes

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 A CONTRIBUIÇÃO DE PAULO FREIRE PARA A EDUCAÇÃO POPULAR	15
2 A PEDAGOGIA DE FREIRE NA CEPLAR	20
2.1 CEPLAR: breve histórico	20
2.1.1 A CEPLAR de Campina Grande	23
2.2 ‘Método Freire’ e sua contribuição para a conscientização popular na CEPLAR	24
2.2.1 A alfabetização de adultos na CEPLAR	25
3 MATERIAIS DIDÁTICOS COMO FACILITADORES DO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM	28
3.1 Materiais didáticos: dos jesuítas as Campanhas da década de 1960	28
3.2 Materiais didáticos da CEPLAR: uma contribuição para a conscientização popular	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS	45
ANEXO I – Estatuto da Campanha de Educação Popular (CEPLAR)	
ANEXO II – Pesquisa vocabular – Grupo das domésticas	
ANEXO III – Pesquisa vocabular – Grupo dos operários	
ANEXO IV – Preparação das aulas – Círculo de operários	
ANEXO V – Curso de preparação de pessoal para Campina Grande	
ANEXO VI – Livro ‘ <i>Força e Trabalho</i> ’	

INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino oferecida a pessoas que se encontram fora da idade ‘certa’ para o ensino regular, ou seja, a jovens e adultos analfabetos ou que tiveram que abandonar seus estudos (muitas vezes para trabalhar e ajudar no sustento de suas famílias) e que agora voltaram à escola. Esta modalidade de ensino é ofertada nas etapas dos Ensinos Fundamental e Médio da educação básica pública brasileira e adotada por algumas redes particulares de ensino.

Ser alfabetizado constitui, hoje no Brasil, um direito de todos. A alfabetização de um indivíduo promove sua socialização já que possibilita o estabelecimento de novos tipos de trocas simbólicas com outros indivíduos, acesso a bens culturais e a facilidades oferecidas pelas instituições sociais.

A alfabetização de jovens e adultos tem sido, na história da Educação, resultado de lutas sociais promovidas pelos movimentos populares, como parte de seus interesses, conforme afirma Risso e Silva (2007).

A alfabetização, para adultos, não se resume à repetição de códigos, como se alfabetizar fosse reproduzir. Ela é mais. Pede estratégias próprias, tal como recomenda o Parecer 11/2000; inclui o esclarecimento de dúvidas do aluno e a solução de problemas que solicitem a habilidade da leitura e da escrita.

Até os anos de 1960, era comum se encontrar escolas de alfabetização de adultos que não se distinguia da educação para crianças. Essa diferença começou a ser marcada a partir de 1958, por ocasião do 2º Congresso Nacional de Educação de Adultos, realizado no Rio de Janeiro em julho de 1958, que tinha por objetivo encontrar novas diretrizes para a educação de adultos no país, de modo a torná-la funcional à sociedade brasileira em transformação. (PAIVA, 1987).

A alfabetização de adultos, na década de 1960, foi obra de vários movimentos que visavam à educação e cultura popular. Nas experiências inspiradas em Paulo Freire,

o processo de alfabetização se desenvolvia principalmente nos Círculos de Cultura promovidos pelos Centros de Cultura Popular da UNE e de Movimentos de Cultura Popular e pelo Movimento de Educação de Base, vinculado à CNBB, nos quais alfabetizados e alfabetizadores, chamados de animadores, buscavam uma relação de igualdade não forjada, mas construída no respeito mútuo, na solidariedade humana, na reflexão coletiva, no compromisso de cada um com a aprendizagem de todo o grupo. (COMERLATO, 2014).

Uma das campanhas que se destacaram foi a Campanha de Educação Popular – CEPLAR, que teve origem na Paraíba em 1961. Criada pelo Governo Estadual, a campanha esteve direcionada para os movimentos populares que, nesse período, se organizavam estabelecendo demandas de cunho sócio-político-econômico, demandas essas permeadas por aspirações culturais e educativas.

No começo dos anos 60, estudantes e professores, ligados à Juventude Universitária Católica (JUC), realizaram uma pesquisa em bairros empobrecidos da capital paraibana procurando conhecer as condições de vida e de sobrevivência das "camadas expropriadas da sociedade". Os resultados trouxeram à tona as péssimas condições de habitação, de saúde, de trabalho (desemprego alto), de educação (altíssimo índice de analfabetos e de "evadidos" da escola elementar), enfim, mostraram uma cotidianeidade marcada pela subcidadania e pela inexistência de mínimas atividades denotadoras da dignidade humana. (SCOCUGLIA, 1992, p. 75).

Scocuglia demonstra que a alfabetização de jovens e adultos traz ligação com as condições sociais de vida da população. E, por isso mesmo, na própria alfabetização, as condições de vida das pessoas passam a ser objeto de estudo, permitindo aprendizagens aos educandos e educadores.

Essa vivência trouxe consigo a reflexão mais ampliada sobre possibilidades concretas de multiplicação de experiências nos campos da cultura e da educação popular que contassem com a efetiva participação das comunidades envolvidas (Soares Jr., 1983, p.7), a começar pela alfabetização-conscientização.

A busca da concretização dessas ideias e dessas práticas necessitou do concurso de entidades que pudessem contribuir para tal empreendimento. Neste caminho, buscaram apoio do próprio governo estadual (Sr. Pedro Gondim), da Arquidiocese de João Pessoa, da Associação Paraibana de Imprensa (API), da Associação do Bairro da Ilha do Bispo, etc. Da institucionalização das atividades pelo governo do Estado surgiu, então, a Campanha de Educação Popular (CEPLAR). (SCOCUGLIA, *op. cit.*, p. 75-76).

O principal objetivo da CEPLAR era o processo de conscientização da realidade. Para alcançá-lo, seus idealizadores propuseram a construção de materiais didáticos que valorizassem os trabalhos desenvolvidos pelos alfabetizandos. “Significativamente, a equipe da CEPLAR escolheu para tema do primeiro manual de capacitação o título sugestivo e profundamente bem intuído de ‘Força e Trabalho’” (SCOCUGLIA, *op. cit.*, p. 77).

Para Mello (2010), a presença de material didático na alfabetização de adultos pode representar a imposição de um modelo de escolarização de educação. Por isso ele defende que os materiais de alfabetização devam partir dos próprios educandos. A elaboração de materiais

adequados a esta modalidade é vista como uma estratégia significativa para o processo de construção do conhecimento pelos educandos.

Os materiais servem fundamentalmente ao aluno e não devem ser usados como uma sequência de ilustração passiva de uma aula, mas sim como referência para fazer comparações, corrigir conceitos e estimular o interesse dos alunos. Uma de suas funções principais é auxiliar o aluno, possibilitando a concretização dos conteúdos estudados e assim, a construção do conhecimento (SCHMITZ, 1993). De acordo com Mello (2010) foi nos anos 1960 que houve grande avanço na discussão sobre a relação entre conteúdo e método de alfabetização alcançando a questão do material didático.

Porém, a questão de materiais didáticos para o ensino foi ventilada por Comenius no século XVI.

Associe-se sempre o ouvido à vista, a língua à mão; ou seja, não apenas se narre aquilo que se quer fazer aprender, para que chegue aos ouvidos, mas represente-se também graficamente, para que se imprima na imaginação por intermédio dos olhos. Os estudantes, por sua vez, devem aprender, ao mesmo tempo, a expor as idéias [sic] com a língua e a exprimi-las por meio de gestos, de modo que se não dê por terminado o estudo de nenhuma matéria, senão depois de ela estar suficientemente impressa nos ouvidos, nos olhos, na inteligência e na memória. (COMENIUS, 1621-1657, p. 78).

Desde lá os materiais didáticos estiveram articulados aos conteúdos escolares. Nós perguntamos qual a importância do material didático da CEPLAR para a construção de novos saberes e a concretização dos conteúdos escolares estudados pelos adultos? Como isso contribuía para a conscientização popular?

Neste sentido, buscamos caracterizar os materiais didáticos da Campanha de Educação Popular da Paraíba (CEPLAR) como facilitadores dos processos ensino e aprendizagem na educação de adultos. Para esta caracterização seguimos os seguintes objetivos:

- Identificar os principais avanços na educação de adultos com a CEPLAR;
- Levantar os materiais didáticos utilizados na CEPLAR;
- Investigar a metodologia da construção dos materiais didáticos para a CEPLAR;
- Destacar a importância do material didático para a aprendizagem ocorrida na CEPLAR.

Para alcançar estes objetivos, esta pesquisa se caracterizou como bibliográfica e de cunho explicativo. Segundo Ruiz (1996), a revisão literária enquanto pesquisa bibliográfica tem por função justificar os objetivos e contribuir para própria pesquisa. “E a pesquisa bibliográfica consiste no exame desse manancial, para levantamento e análise do que já

produziu sobre determinado assunto que assumimos como tema de pesquisa científica”. (RUIZ, 1996, p. 58).

Conforme Marconi e Lakatos (2006, p. 25), a pesquisa bibliográfica é tratada como “um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, revestidos de importância por serem capazes de fornecerem dados atuais e relevantes relacionados com o tema”. A pesquisa bibliográfica foi essencial para o aprofundamento do tema, além de, reforçar ideias expressadas nesta pesquisa.

Dentro desta perspectiva, este estudo está dividido em três capítulos. No capítulo um apresentamos algumas considerações sobre a contribuição de Paulo Freire para a Educação Popular no Brasil. No segundo capítulo iniciamos com um breve histórico da CEPLAR, em que relatamos desde o surgimento até sua expansão para outros municípios do Estado. Em seguida realizamos explanação sobre a metodologia de alfabetização de Paulo Freire na CEPLAR.

No último capítulo buscamos organizar o processo de produção de materiais didáticos para a Educação de Adultos desde a chegada dos Jesuítas até a década de 1960, e apresentamos as análises dos recursos propostos pela CEPLAR para a alfabetização e conscientização de adultos.

1 A CONTRIBUIÇÃO DE PAULO FREIRE PARA A EDUCAÇÃO POPULAR

O pensamento e a prática educativa de Freire constituirá a base da experiência da CEPLAR. Por esta razão iniciamos este estudo sistematizando a perspectiva da pedagogia freireana.

A educação é uma construção constante que o ser humano adquire através de suas relações interpessoais, culturais e históricas. Independentes do local estão jovens, adultos e idosos em constante processo de transformação e conhecimento.

A arte de aprender e ensinar são adquiridas ao longo da vida, e como ser inacabado estamos adquirindo tais técnicas ao desenvolver nossas capacidades de compreender o mundo que nos cerca. Tais características podem ser comprovadas nos alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), que buscam o novo, que buscam sair do mundo iletrado e fazer uso das palavras socialmente.

Mesmo com um grande histórico, que começa desde o período em que os jesuítas chegaram ao Brasil, à EJA passou por momentos mais significativos para o país recentemente, e é nesse contexto que vem se mostrando como uma educação de lutas e resistências.

O que hoje, no Brasil, é denominado como Educação de Jovens e Adultos, na década de 1940 era considerada como Serviço de Educação de Adultos, representada em diversas campanhas (GADOTTI, 1993; 2008). A EJA, nesta década, no Brasil, passou a caracterizar-se como política educacional. Com programas destinados a alfabetização de adultos, vários intelectuais compactuaram de ideais voltados para o desenvolvimento educacional do País.

Além de iniciativas nos níveis estadual e local, merecem ser citadas, em razão de sua amplitude nacional: a criação do Fundo Nacional de Ensino Primário em 1942, do Serviço de Educação de Adultos e da Campanha de Educação de Adultos, ambos em 1947, da Campanha de Educação Rural iniciada em 1952 e da Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo em 1958. (DI PIERRO; JOIA; RIBEIRO, 2001, p. 59).

Mesmo com esses programas e iniciativas para atender a EJA, foi com os diversos movimentos populares de grupos sociais, sindicatos, entre outros, que surgiu uma educação voltada para a transformação social. Com objetivos mais específicos, no intuito de levar o sujeito a uma transformação social e cultural; e não apenas para incluir a população no processo de modernização do país.

A década de 1960 foi marcada por diversos movimentos que visavam à educação e cultura popular. A intenção desses programas era de uma educação igualitária para as classes populares. O Estado passa a patrocinar algumas iniciativas, sendo várias oriundas do próprio

governo. Os programas apresentados nessa época tinham o objetivo de extinguir o analfabetismo no país, e ao mesmo tempo buscava melhorias nas condições de vida da população brasileira.

Grande parte dos movimentos de cultura e educação do início da década 1960, teve como inspiração para alfabetização de adulto a proposta pedagógica de Paulo Freire. A alfabetização e a educação de base de adultos deveriam partir sempre de um exame crítico da realidade existencial dos educandos, da identificação das origens de seus problemas, das possibilidades de superá-los e da conscientização perante o mundo que os cercam.

A conscientização em Freire é “o teste do ambiente, da realidade”, constitui um “apoderar-se da realidade” (FREIRE, 1979, p. 15). Constitui um compromisso histórico do homem de apreensão da realidade, do seu trabalho e inserção no mundo. Conscientização seria um processo de perceber-se na realidade histórica, de situar-se concretamente e dar testemunho da relação homem-mundo, do seu conhecimento.

Ao ouvir pela primeira vez a palavra conscientização, percebi imediatamente a profundidade de seu significado, porque estou absolutamente convencido de que a educação, como prática da liberdade, é um ato de conhecimento, uma aproximação crítica da realidade. (*idem*).

Em seus estudos, Paulo Freire, discute quando o homem se constitui em um ser conscientizado. Para Freire, conscientização

é um processo humano que se instaura precisamente quando a consciência se torna reflexiva [...]. A conscientização é o aprofundamento da tomada de consciência [...]. Significa que, enquanto seres conscientes que somos, temos uma forma de abordar o mundo. (*idem*).

O conceito de consciência em Freire remete não somente a um processo de conhecimento e reconhecimento, mas também de compreensão. Um “esforço dialético de compreensão entre a subjetividade e a objetividade [...], entre consciência e mundo” (FREIRE, *op. cit.*, p.16).

A conscientização, enquanto processo, tem como principal propósito, a recuperação da palavra, a ruptura da cultura de silêncio, da situação de opressão na qual os homens estão imersos. Para Freire (1967, p. 104-105) “A existência, em tanto humana, não pode ser muda, silenciosa [...]. Existir humanamente é pronunciar o mundo, é transformá-lo”.

De acordo com os estudos de Freire (1967) a posição normal fundamental do homem é de não somente estar no mundo como também com ele, travando relações permanentemente. Dentre essas relações, há uma relação específica de que resulta o conhecimento, de sujeito e objeto.

Não é preciso ser alfabetizado para travar relações que resultem em conhecimento. Basta ser homem. Isso por que uma das características intrínsecas do ser humano é que ele é capaz de distanciar-se do objeto para admirá-lo (filosoficamente).

Através de seus sentidos, o homem pode diferenciar outro ser vivo dele mesmo. Pode perceber a diferença existente, ainda que superficialmente, entre uma planta e um gato, por exemplo. Pode perceber a diferenciação entre tipos de plantas e até mesmo perceber a causalidade existente entre a frequência de chuvas e a abundância de vegetação em determinada região, ainda que não possa explicar o porquê dessa ligação.

Em outras palavras, o ser humano é capaz de captar dados da realidade. Por isso nenhum homem pode ser considerado absolutamente ignorante, ainda que não possa também ser considerado absolutamente sábio. (FREIRE, 1967; 1979)

Nessa perspectiva, Paulo Freire (*idem*) afirma que a posição normal do homem é uma posição ingênua, espontânea, pois ao relacionar-se com a realidade, faz simplesmente uma experiência da realidade na qual ele está, assimilando a causalidade imediata que pode ser percebida, sem maior investigação ou problematização. Essa causalidade apreendida não é uma causalidade profunda e verdadeira. Nos dizeres de Freire, não é uma causalidade autêntica.

O homem compreende que a fome está relacionada com a falta de alimentos e deduz ingenuamente que a produção de alimentos ainda é insuficiente para acabar com a fome de tantas pessoas, quando na verdade a desigualdade social e a má distribuição de alimentos determinada por nossa organização econômica são os reais motivos da existência da fome. O estudante compreende um determinado dispositivo legal e sua aplicação processual, mas não compreende sua dimensão histórica e suas consequências práticas na organização de nossa sociedade que vão além do caso singular das partes processuais.

Essa tomada de consciência, que se dá com a aproximação espontânea da realidade, captando dados e assimilando causalidades, não é ainda conscientização. Isso por que ela se refere a um desenvolvimento ingênuo e não crítico de tomada de consciência. (FREIRE, 1967)

O que decorre que é característico da consciência crítica, através da investigação, problematização, reflexão e ação, é a apreensão da causalidade autêntica. Do que verdadeiramente ocorre no mundo, compreendendo profundamente suas relações, suas causas e suas consequências. E não apenas isso, enquanto que para a consciência ingênua é atribuído à causalidade um caráter estático, de algo estabelecido e imutável, para a consciência crítica a própria causalidade autêntica será sempre submetida à sua análise, questionando, duvidando e

testando sempre a validade do conhecimento elaborado, pois “o que é autêntico hoje pode não ser amanhã”. (FREIRE, 1967, p. 105)

A partir destes questionamentos e observações Freire elaborou uma proposta de alfabetização de adultos conscientizadora, cujo princípio básico pode ser traduzido numa frase sua que ficou célebre: ‘A leitura do mundo precede a leitura da palavra’. Prescindindo da utilização de cartilhas, desenvolveu um conjunto de procedimentos pedagógicos que ficou conhecido como ‘método Paulo Freire’.

A proposta pedagógica de Paulo Freire foi difundida e ganhou destaque nacional sendo denominada como ‘método Paulo Freire’, mas a denominação dos passos para a alfabetização de adultos, segundo Dulce Campos, ‘deveria ser’ conhecida como ‘Sistema Paulo Freire’.

Dulce inclusive faria parte do SEC/RC, tendo sido dela a sugestão crítica de conceituar mais apropriadamente o ‘método Paulo Freire’ como ‘sistema Paulo Freire’, afinal, destacava que os pressupostos e os objetivos daquele se colocavam para além de um simples método de alfabetização. (VERAS, 2010, p. 107).

Para viabilizar esse método de alfabetização e para atingir a consciência crítica dos alunos da EJA, Freire propôs uma alfabetização através dos temas geradores. Nesse sentido, os temas geradores possuem importância central nos processos de alfabetização. "Procurar o tema gerador é procurar o pensamento do homem sobre a realidade e a sua ação sobre esta realidade que está em sua práxis" (FREIRE, 1979, p. 18).

A elaboração do seu método pedagógico foi dividido em algumas etapas por Paulo Freire. A primeira etapa foi denominada de descoberta do universo vocabular. Neste momento, é feito o contato inicial e direto com o grupo o qual se procura atingir a fim de se pesquisar, em campo, quais os vocábulos típicos daquele povo, quais as expressões dotadas de valor existencial para eles. Nesta fase, revelam-se resultados enriquecedores, mostrando bastante sobre a linguagem local, apontando as angústias e ansiedades das pessoas em relação ao processo. Tudo isso se dá em encontros informais com os educandos. (FREIRE, 1967; 1979)

Após esse contato, surgem às palavras geradoras, vocábulos que estão inseridos no contexto dessas pessoas, que possam permitir uma conscientização no aluno.

A segunda etapa refere-se à seleção de palavras dentro do universo vocabular. Nesta etapa, avaliam-se três critérios para esta seleção: a riqueza silábica, as dificuldades fonéticas e o conteúdo prático da língua. Uma boa palavra geradora é aquela que consegue auxiliar uma aprendizagem global e não fragmentada, que não leve a simples memorização, mas que tenha

um potencial poder de conscientização, que possa gerar na pessoa uma possível reação sociocultural. (FREIRE, 1967; 1979)

A terceira etapa remete a criação de situações existenciais típicas do grupo com quem se vai trabalhar. São situações desafiadoras, codificadas, carregadas de elementos que serão decodificados pelo grupo com auxílio do coordenador. São situações locais que no momento da discussão abrem possibilidades para análises de questões regionais e nacionais. (*idem*)

Na quarta etapa ocorre a elaboração de fichas-roteiro que irão auxiliar o educador no debate das situações. Tais fichas terão o papel de oferecer assistência ao coordenador, e não possuem um caráter imperativo. (*idem*)

Na quinta etapa realiza-se a elaboração de fichas que deverão apresentar as famílias fonéticas presentes nas palavras geradoras. Após a elaboração desse material, pode-se de fato dar início ao processo de alfabetização. (*idem*)

Para Freire a atitude ativa de procurar o próprio tema gerador possibilita que o educando tome consciência de sua realidade e também de si. É a práxis sobre a realidade que possibilita à tomada de consciência crítica, que permite à decisão, a escolha, a liberdade, a conquista do poder de ser autônomo.

Paulo Freire se propôs a desenvolver um ‘método’ que desafiasse o espírito crítico dos homens em processo de alfabetização. O pedagogo adota uma concepção de liberdade dentro da educação que somente se efetiva quando o aluno torna-se sujeito nesse processo de uma maneira crítica e livre. É muito importante que os homens reconheçam-se como criadores de cultura, visto que é a partir dessa tomada de consciência que ele poderá exercer a sua vocação ontológica, ser atuante na construção da sociedade e mudança social. (*idem*)

A proposta de Freire é de uma educação problematizadora, dialógica, oposta à educação bancária, por isso não trata os alunos como depósitos de conteúdos, busca promover caminhos para que o próprio aluno seja sujeito e construa sua autonomia, dessa forma, a contradição educador/educando, em que o professor era o sujeito e o aluno objeto passivo, é superada. (*idem*)

Para que a educação promova no educando a autonomia, é essencial que ela seja dialógica, pois assim há espaço para que o educando seja sujeito, para que ele mesmo assuma responsavelmente sua liberdade e, com a ajuda do educador, possa fazer-se em seu processo de formação.

Vista assim, a conscientização pode anteceder a alfabetização, através de diálogo sobre a realidade do educando. Ela ocorre tanto nesta, quanto na pós-alfabetização ou em

atividade de educação política envolvendo analfabetos e não necessariamente ligados a um esforço alfabetizador.

2 A PEDAGOGIA DE FREIRE NA CEPLAR

2.1 CEPLAR: breve histórico

Os anos de 1960 caracterizam-se por serem anos em que a busca por educação, para a formação crítica do cidadão estava presente nas discussões no País. Algumas campanhas e movimentos de alfabetização de adultos se destacaram, em âmbito Nacional, apesar de serem desenvolvidas em Estados específicos.

A verdade é que, com exceção do Centro Popular de Cultura (CPC) criado pela UNE, as demais iniciativas de peso tiveram origem no Nordeste brasileiro como, por exemplo, o Movimento de Cultura Popular (MCP), no Recife; a Campanha “De Pé no Chão Também se Aprende a Ler”, em Natal; o “Movimento de Educação de Base” (MEB), que surgiu no Rio Grande do Norte e se expandiu para várias partes do país; as experiências de Paulo Freire e, evidentemente, a “Campanha de Educação Popular da Paraíba” (Ceplar). (SCOCUGLIA, 2000, p. 09).

A CEPLAR surgiu no ano de 1961, por iniciativa de estudantes universitários e professores, militantes da Juventude Universitária Católica (JUC). Inicialmente, realizaram uma pesquisa em alguns bairros periféricos de João Pessoa, procurando conhecer a realidade vivenciada por estas comunidades. Revelaram-se as precárias condições de vida e o alto nível de analfabetismo da população destas comunidades. A partir desta experiência, iniciou-se uma ação educativa junto à comunidade da Ilha do Bispo, na qual algumas iniciativas foram tomadas, como a construção de fossas sanitárias e a reivindicação para a colocação de um filtro da fábrica de cimento, que espalhava poeira na comunidade.

A necessidade de um trabalho amplo, que incluísse desde noções de higiene como também a alfabetização de crianças e adultos em bairros pobres de João Pessoa, levou o grupo a buscar auxílio do Governo do Estado.

A CEPLAR surgiu, assim, no ano de 1961, da junção de dois fatores:
*** a procura, por um grupo de pessoas da Faculdade de Filosofia, membros da JUC, de uma estrutura de base para um trabalho em educação popular;**
*** o projeto do Governo do Estado de lançar, na Paraíba, um movimento de educação popular. (PORTO; LAGE, 1995, p. 29, grifo do autor).**

Uma das primeiras iniciativas do Governo do Estado foi conceder bolsas de estudos a jovens paraibanos, incumbidos de conhecer as experiências vivenciadas no MCP e realização

de curso na Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene). Experiências estas, que influenciaram, diretamente, na organização do movimento de educação popular. (FÁVERO, 2014; PORTO; LAGE, 1995; SCOCUGLIA, 1992, 2000).

Com a equipe formada, pensou-se na implantação e institucionalização da entidade. Qual seria a área de atuação? Como pensar e elaborar um projeto piloto para educação popular? Quais as diretrizes para a elaboração de estatuto? E a busca de incentivo e apoio externo. Foram discussões iniciais dentro da campanha, a saber: A oficialização da entidade ocorreu com a elaboração do estatuto, datado de 13 de janeiro de 1962, e publicado no Diário Oficial do Estado da Paraíba em, 11 de abril do mesmo ano.

Com ideais voltados à alfabetização, através de métodos que viabilizassem o desenvolvimento cultural e crítico da população, a CEPLAR visava o alcance destes ideais através dos seguintes objetivos:

- 1 – Promover e incentivar, com a ajuda de particulares e dos poderes públicos, a educação de crianças e adultos;
- 2 – Atender ao objetivo fundamental da educação que é o de desenvolver plenamente todas as virtualidades do ser humano, através de educação integral de base comunitária, que assegure, também, de acordo com a Constituição e as leis vigentes, o ensino religioso facultativo;
- 3 – Proporcionar a elevação do nível cultural do povo, preparando-o para a vida e para o trabalho;
- 4 – Colaborar para a melhoria do nível material do povo através de educação especializada;
- 5 – Formar quadros destinados a interpretar, sistematizar e transmitir os múltiplos aspectos da cultura popular. (ESTATUTO..., 2014, p. 1).

Tão logo estruturada, a CEPLAR passou a realizar seus trabalhos no Grupo Escolar Raul Machado – instalações cedidas pelo Governo do Estado. Houve uma reestruturação e revitalização no Grupo Escolar, que se encontrava praticamente abandonado. “Esse Grupo, com capacidade para 500 alunos, funcionava com apenas 70 matrículas e 41 presenças.” (PORTO; LAGE, 1995, p. 35).

Com a reabertura do Grupo Escolar, diversas atividades foram realizadas junto às famílias do bairro, desta forma via-se presente na escola, além das crianças, os pais e familiares envolvidos nas atividades educacionais. “Conjugando-se o fato de se ter conseguido a merenda escolar, através da Secretaria de Educação do Estado, a frequência passou de 42 a 470 crianças no período de um semestre.” (PORTO; LAGE, *op. cit.*, p. 41).

A campanha realizava diversos trabalhos de alfabetização para as crianças, e após um período de aceitação da comunidade, inicialmente, não conseguiu atingir seu principal objetivo, em que procurava contribuir para a formação de adultos, buscando conscientizá-los

para que participassem do processo de mudança do País. Por isso a CEPLAR tomou algumas atitudes:

Em sua busca de definir, ampliar e concretizar seu trabalho com adultos, a CEPLAR agiu em várias frentes:

A nível local, intensificou seus contactos com organizações sindicais submetendo-lhes projetos, procurando atender a suas reivindicações, participando de suas discussões. Expandiu suas atividades para os bairros do Varadouro, Róger e Santa Júlia [...]. A nível regional, procurou levantar recursos para ações específicas. Elaborou projetos de ação mais abrangentes ligados não só à alfabetização e à cultura popular, mas também ao aprendizado de artes industriais (termo da época), para jovens e adultos. [...] A nível interno, organizou grupos de estudo e debate aos quais se integravam os responsáveis, além de estudantes e intelectuais que contribuíam para o debate que se travava dentro da instituição. (PORTO; LAGE, 1995, p. 42-43).

A CEPLAR ampliou-se. Agora estava presente, não somente nos núcleos de alfabetização de João Pessoa – que funcionavam em seis bairros da capital: Ilha do Bispo, Torre, Varadouro, Roger, Santa Júlia e Cruz das Armas – como também em alguns municípios do Estado.

Em 1963, numa segunda fase de sua atuação, quando já contava com uma forte equipe dedicada aos trabalhos de alfabetização de adultos e com um dinâmico núcleo de cultura popular, de um lado, incorporou-se ao Plano Nacional de Alfabetização, contando com o apoio financeiro do Ministério da Educação, e expandiu sua atualização para todo o estado da Paraíba. De outro, firmou sua linha política, em especial pela colaboração estreita com as “ligas camponesas” de Sapé e Miri (sic), região de violentos conflitos entre trabalhadores rurais e latifundiários. (FÁVERO, 2014, p. 18).

A expansão do trabalho e o amadurecimento progressivo da experiência exigiu a criação de um novo departamento que foi denominado Departamento de Arte e Divulgação. Para coordená-lo, foi convidado Paulo Pontes, teatrólogo recém-formado. Este reorganizou imediatamente o grupo de teatro da campanha que passou a organizar os próprios textos.

Esse mesmo Departamento, em convênio com a Rádio Tabajara, passou também a produzir e a transmitir programas sobre cultura popular, em que eram debatidos temas políticos da realidade paraibana e brasileira. A CEPLAR realizava ainda nos bairros de João Pessoa, junto aos núcleos de alfabetização, exposições de artesanato, resultantes de trabalhos feitos com a comunidade: folhetos de cordel, coletâneas de textos de autores locais, objetos de cerâmica, entre outros. (SCOCUGLIA, 2001).

2.1.1 A CEPLAR de Campina Grande

A CEPLAR de Campina Grande surgiu em meados de fevereiro de 1963. Seu principal diferencial foi o atendimento exclusivo para a alfabetização de adulto.

Apesar de usar o mesmo “Método”, possuir o mesmo nome, [...], receber verbas do MEC e, também, ter sido fechada pelos golpistas, a Ceplar-CG não foi uma extensão da congênere pessoense. Era mantida, em termos de infra-estrutura, pela prefeitura de Campina Grande e possuía um grupo dirigente próprio, não subordinado à capital. (SCOCUGLIA, 2000, p. 96).

Para a instalação e ampliação da CEPLAR-CG a prefeitura cedeu três salas para que fosse estruturada a sede da campanha. A equipe central de Campina Grande era composta de dois bancários, um comerciante, uma contadora, uma advogada e uma professora (diretora de um dos principais colégios particulares da cidade). Com exceção de Josué Rodrigues – funcionário do Banco do Brasil, membro importante do PCB local e seu principal dirigente –, a CEPLAR-CG foi liderada por integrantes da chamada Igreja católica progressista, da Ação Popular (AP), oriunda da ala esquerda da JUC.

Em novembro de 1963, a CEPLAR-CG, por meio da imprensa (rádio/jornal), desencadeou vigorosa campanha de divulgação de seus propósitos, convocando estudantes para se engajarem no trabalho de alfabetização.



figura 1 – municípios de atuação da CEPLAR

A CEPLAR atuou em diversos municípios,

200 unidades escolares em 18 cidades do interior do Estado: Mamanguape, Rio Tinto, Sapé, Pilar, Alhandra, Cabedelo, Bayeux, Santa Rita, Gurinhém, Queimadas, Pocinhos, Puxinanã, Lagoa Seca, Alagoa Grande, Areia, Cruz do Espírito Santo, Itabaiana e Campina Grande, além da capital, e a formação de 320 professores e supervisores. (PORTO; LAGE, 1995, p. 104).

2.2 ‘MÉTODO FREIRE’ E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A CONSCIENTIZAÇÃO POPULAR NA CEPLAR

Uma das principais metas da campanha era a alfabetização de adultos, mas com orientações bem precisas: de esclarecer os direitos dos alfabetizados, e da participação deles na discussão sobre os grandes problemas da época.

Assim, organizaram-se cursos noturnos para a alfabetização de adultos na Ilha do Bispo. “Cerca de 70 adultos participavam das aulas” (PORTO; LAGE, 1995, p. 43). Havia em cada sala de aula entre 15 e 20 adultos e adolescentes, que na sua maioria eram pais de alunos do Grupo. Formaram-se assim quatro salas de aula.

De acordo com Porto e Lage (*op. cit.*), a equipe da campanha questionava os métodos de ensino e materiais didáticos vigentes. O material didático destinado à educação de adultos, na década de 1960, não estimulava a reflexão e análise da realidade do adulto analfabeto. (SCOCUGLIA, 2000; MELLO, 2010).

Por outro lado os membros da CEPLAR procuravam soluções para a alfabetização de adultos de acordo com os seus objetivos. Os membros da campanha espelhavam-se no MCP, que se destacava no cenário nacional.

Dentro desse objetivo, como resultado do primeiro contato com o MCP e principalmente com Paulo Freire em junho de 1962, ficou acertado o treinamento do pessoal da Ceplar pela equipe do Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife (SEC-UR), dirigido por Freire, para a aplicação do “método” em João Pessoa e posteriormente em outras localidades do estado. Durante três meses, aos sábados, a equipe coordenadora da Ceplar (e, depois, da Ceplar de Campina Grande) fez cursos sobre o Método Paulo Freire e a realidade brasileira no SEC-UR. (SCOCUGLIA, 2000, p. 61).

Uma das integrantes da CEPLAR-CG relata como foi a experiência da participação destes cursos de formação:

O curso durou uma semana e foi dado pelo próprio Paulo Freire. Quem era essa equipe: Paulo Freire; Jomar Munis de Brito; a Professora Astrogilda Carvalho Paes de Andrade; A professora Dosina que chamávamos de Dosa; a esposa de Paulo Freire, Elza; uma pessoa chamada Aurenice; e tinha lá Jarbas Maciel que era um teórico da parte de psicologia. Este curso não foi

um curso aberto, tinha de 35 a 40 estudantes universitários, que vieram de diversas partes do Brasil, inclusive do Rio, de São Paulo, de Brasília, para fazer este curso.¹

De acordo com os estudos de Façanha (2014), Porto; Lage (1995) e Scocuglia (2000, 2001), a CEPLAR foi pioneira no trabalho de alfabetização de adulto, ao utilizar o ‘método Paulo Freire’.

Antes de Angicos (RN) – experiência de Paulo Freire que ganhou destaque Nacional – a CEPLAR, em 1962, praticava as aulas de alfabetização estudadas, inspirados na orientação de Paulo Freire à partir do curso realizado no SEC-UR. Sobre isso podemos ler:

[...] reflexões em torno das propostas de Paulo Freire para a alfabetização de adultos, no início dos anos sessenta, ganhou destaque a experiência de Angicos, Rio Grande do Norte, realizada em 1963. Ocorre que, um ano antes, na Paraíba, a **Campanha de Educação Popular (CEPLAR)** já trabalhava com o chamado “Método Paulo Freire”. (SCOCUGLIA, 2001, p. 01, grifo do autor).

As participações de Freire, e da equipe do SEC-UR, nas etapas de implantação do método na CEPLAR eram constantes e contribuíam, substancialmente, para sua ampliação.

No primeiro trimestre de 1963, quando a instituição ampliava suas atividades de alfabetização de adultos integrando o Programa Educacional de Emergência do Ministério da Educação, Paulo Freire e sua equipe haviam começado a aplicar o Método na cidade de Angicos, no vizinho Estado do Rio Grande do Norte e a responder às solicitações vindas de outros Estados do Brasil. A partir de então, os encontros com a CEPLAR passaram a ser meramente ocasionais. (PORTO; LAGE, 1995, p. 52).

2.2.1 A alfabetização de adultos na CEPLAR

Após cursos realizados por cerca de doze pessoas da campanha, a equipe realizou estudos para a implantação do ‘método Paulo Freire’. “[...] A CEPLAR elaborou um texto sobre o ‘Método Paulo Freire’ para usá-lo nos cursos de formação de seus professores” (SCOCUGLIA, *op. cit.*), paralelo a isso, foram pesquisados o universo vocabular e as palavras geradoras que contribuíssem para a alfabetização da comunidade. A partir desta pesquisa, puderam-se construir os roteiros das atividades a serem realizadas pelos coordenadores.

“O primeiro grupo a ser alfabetizado pelo Método Paulo freire, na CEPLAR, em setembro de 1962, foi o chamado ‘grupo das domésticas’” (PORTO; LAGE, *op. cit.*, p. 47). Este grupo recebia a influência direta do trabalho político-evangelizador da Juventude

¹ Depoimento oral de Salete Van Der Poel concedido em 23 de julho de 2014

Operária Católica (JOC). Todas as domésticas localizadas pela JOC. Com aulas na própria sede da CEPLAR. Buscava-se alfabetizar as domésticas no prazo de quarenta horas seguindo as recomendações do método de alfabetização Freiriano.

A CEPLAR foi à primeira campanha a ter autonomia na condução da alfabetização no grupo das domésticas, pois antes só os educadores da equipe de Freire poderiam trabalhar com seu método de alfabetização. (PORTO; LAGE, 1995)

O grupo das domésticas funcionou como um laboratório experimental de alfabetização, seu progresso iria contribuir para a formação de novas turmas. Ao término das quarenta horas “as alfabetizadas conseguiam, embora ainda com dificuldade, decifrar o conteúdo de frases simples, escrever palavras e, com firmeza, seu nome.” (PORTO; LAGE, *op. cit.*, p. 48).

Para instalar novos núcleos de alfabetização, foram feitos contatos com entidades sindicais, religiosas, esportivas e beneficentes. Buscavam-se desde os locais para as aulas até pessoas interessadas e que fossem responsáveis pelo trabalho de organização nas comunidades além de serem localmente inseridos.

Com efeito, a Ceplar estendeu suas experimentações para mais cinco grupos, formados principalmente por operários (também sob influência da JOC) nos bairros da Ilha do Bispo, Varadouro e Torrelândia, em João Pessoa. O trabalho com esses novos grupos, conforme as fases do Método, seguiu os passos: pesquisa do universo vocabular dos alfabetizados; escolha das palavras geradoras, ordenando-as em função das dificuldades fonêmicas e seu conteúdo social; projeção das situações sociológicas associadas aos vocábulos e debates/diálogo entre os participantes. (SCOCUGLIA, 2000, p. 68).

Na CEPLAR-CG, seus dirigentes não seguiram as orientações para que a alfabetização ocorresse em 40 horas. Seus primeiros círculos de cultura duraram cerca de quatro meses. Ao retornar da formação na SEC-UR, os integrantes da campanha realizaram pesquisas para saber em qual bairro iriam inicializar a experiência de alfabetização.

Nós fizemos uma visita nos bairros e optamos por ‘Casa de Pedra’, que hoje não existe mais. Era uma experiência piloto, criamos 03 círculos de cultura. Nós fizemos uma pesquisa. Fomos com uma caminhonete para o bairro e dissemos que íamos começar um processo de alfabetização para adultos que quem quisesse se escrever estavam na casa da igreja à noite. Isso foi durante uma semana, andado pelo bairro todo, convidando. No dia das inscrições apareceu muita gente. Nós fizemos uma seleção e formamos 03 turmas (círculos) com 20 alunos cada. Um coordenado pelo bancário Lula, que só funcionou um dia, pois não tinha nenhuma experiência com alfabetização; outro, com a contadora Natil de Castro, que auxiliei por

*alguns dias e o meu, que foi o único a concluir. Dos 20 alunos terminei com 14, que saíram lendo frases simples.*²

Não raramente, a equipe da CEPLAR estava mais interessada na alfabetização-conscientização do que os próprios moradores locais visitados. Isso implicava maior ou menor facilidade da implantação de cada núcleo e a sua consolidação. Em princípio, o círculo de cultura seria renovado a cada dois meses, logo após as quarenta horas (no caso de João Pessoa – Sapé). Nesse processo de renovação dos núcleos, concentrou-se uma das dificuldades operacionais da alfabetização de adultos promovida pela Campanha.

Vejamos no depoimento de uma das integrantes da CEPLAR-CG que, mesmo a experiência piloto sendo realizada em 04 meses, foi necessário treinar um dos alunos para o lançamento oficial da Campanha:

*Alfabetizar em 40 horas, isso é uma balela. Isso não existe na realidade. No Lançamento da Campanha, eu peguei o melhor aluno, que eu tinha tido, e fui atrás dele em Casa de Pedra, e dei aula durante três dias. Levei-o para casa e disse: - Nós vamos fazer uma demonstração, e quero que você mostre que aprendeu a Ler. Ele leu, eu não me lembro de uma das coisas que botei nas frases. Mas ele leu, decompôs, ele recompôs, criou palavras. Mais tudo isso ensaiado.*³

De acordo com Scocuglia (2000) a tentativa de solucionar o ‘problema’ de continuidade do ‘método’ fez da CEPLAR uma contribuinte para o desenvolvimento do sistema Paulo Freire, que incorporou a ideia de sequencia necessária na alfabetização, através do que foi chamada de educação primária rápida.

Pedagogicamente, a equipe da CEPLAR, empreendeu criativo trabalho, na sistematização da proposta de alfabetização através do ‘método Paulo Freire’. Uma campanha que associou educação/cultura com o processo de conquista da consciência social e política das classes populares.

^{2,3} Depoimento oral de Salete Van Der Poel concedido em 23 de julho de 2014.

3 MATERIAIS DIDÁTICOS COMO FACILITADORES DO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Para a análise dos materiais didáticos como facilitadores do processo de ensino e aprendizagem na experiência da CEPLAR, iniciamos com um resgate histórico deste papel desde os primórdios.

3.1 MATERIAIS DIDÁTICOS: dos jesuítas as Campanhas da década de 1960

A Educação de Jovens e Adultos (EJA), há décadas tenta oferecer educação de qualidade a um público que não teve acesso à escola, ou não pode manter-se matriculado nas escolas, em decorrência de variados fatores. As pesquisas, a respeito dos processos de aprendizagem na EJA, comprovam que as estratégias pedagógicas adotadas para este tipo de atendimento, em particular, necessitam ir além da simples prática de memorização, precisam provocar nos sujeitos a reflexão acerca da escrita.

Considerando a própria realidade dos educandos, o educador conseguirá promover a motivação necessária à aprendizagem, despertando neles interesses e entusiasmos, abrindo-lhes um maior campo para o atingimento do conhecimento. O jovem e o adulto querem ver a aplicação imediata do que estão aprendendo e, ao mesmo tempo, precisam ser estimulados para resgatarem a sua auto-estima, pois sua "ignorância" lhes trará ansiedade, angústia e "complexo de inferioridade". Esses jovens e adultos são tão capazes como uma criança, exigindo somente mais técnica e metodologia eficientes para esse tipo de modalidade (ROCHA; Et al, 2002).

Os professores como mediadores da aprendizagem, se apropriam da utilização dos materiais didáticos como recurso para a compreensão da realidade vivenciada pelo aluno. Os materiais didáticos que circulam no meio escolar, e servem como subsídio ou instrumento de apoio ao processo de ensino e aprendizagem, tem despertado o interesse de pesquisadores de várias áreas de estudos, tornando-se um tema específico de pesquisa, mas no campo da EJA nota-se a escassez desses estudos.

Essa ausência de pesquisas sobre materiais didáticos para a EJA se explica por vários fatores. Um deles é a dificuldade de localizar esta ampla produção, dispersa no tempo e pulverizada geograficamente. A riqueza e variedade dessa produção advêm da participação ativa de vários sujeitos, que na ausência de uma atuação contínua do poder público tem ocupado um lugar de protagonismo na organização de experiências de EJA. (MELLO, 2010, p. 25)

Nas pesquisas realizadas, nesta área de conhecimento, priorizam-se como material didático apenas o livro didático, deixando as margens outros recursos utilizados na aprendizagem. “Como veremos, na maioria dos estudos consultados, as informações sobre os materiais didáticos, ocupam, por vezes, um espaço menor, ainda que valioso, para o pesquisador, tendo como foco os materiais impressos destinado à alfabetização”. (MELLO, 2010, p. 63)

De acordo com a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), materiais didáticos são aqueles que engajam os alunos em um processo ativo de aquisição de conhecimento, competência e atitudes necessárias à formação de cidadãos responsáveis por sua comunidade e conscientes dos problemas globais. “Uma concepção mais ampla e atual parte do princípio de que os materiais didáticos são todos os recursos utilizados como elementos mediadores do processo de aquisição do conhecimento”. (MELLO, *op. cit.*, p. 30)

O recurso/material didático é considerado no ensino, ligação entre palavra e realidade (SCHMITZ, 1993). O ideal seria que toda aprendizagem se efetuassem em situação real de vida. Não sendo isso possível, o material didático tem por fim substituir a realidade, representando-a da melhor forma possível, de maneira a facilitar a sua intuição por parte do aluno (NÉRICI, 1991). Ele é componente do ambiente da aprendizagem que dá origem à estimulação para o aluno (GAGNÉ, 1971).

No entanto, o recurso não é substituto do professor, pois seu uso efetivo dependerá da habilidade do professor em selecionar, visualizar e utilizar os recursos de maneira adequada e produtiva. A seleção dos materiais deve levar em consideração o aluno ao qual se destina (faixa etária, interesses), os objetivos e os conteúdos a serem aprendidos.

Os primeiros recursos didáticos, voltados para Educação de Adultos (EDA), que temos registros foram as cartilhas utilizadas pelos jesuítas na ‘catequização’ dos índios, logo após a ‘descoberta’ do Brasil. Nas aulas de catequeses realizadas pelos jesuítas eram produzidos materiais escritos na língua dos indígenas, tais como: gramática da língua Tupi-Guarani e os catecismos de doutrinas. (CAVALCANTE; FREITAS, 2014; COMERLATO, 2014).

No âmbito oficial, as produções de materiais didáticos surgiram a partir da década de 1940, quando o Ministério de Educação e Saúde autoriza a criação de um novo órgão, o Serviço de Educação de Adultos (SEA), agilizando os trabalhos voltados para a EDA.

Em 1947 foi lançada a primeira Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA), que buscava articular estratégias para mobilizar os diversos setores da sociedade brasileira em prol da causa comum de acabar com o analfabetismo no Brasil. Para

desenvolver as estratégias previstas pela campanha houve a produção de diversos materiais didáticos como: cartilhas e folhetos. A SEA também contribuiu para a produção de materiais didáticos que seguiam as mesmas características da campanha.

Nas décadas de 1940 e 1950, esses materiais estavam organizados a partir de uma concepção de alfabetização que não caracterizava o sujeito da educação de jovens e adultos e seus conhecimentos acerca da língua, representando uma transposição de ensino direcionado à alfabetização das crianças. (FERREIRA, 2005, p. 30)

O material didático destinado à alfabetização de adultos, distribuído pelo Ministério da Educação na CEAA, denominou-se *Cartilha Ler*. A cartilha estava organizada a partir do Método Laubach, partindo do ABC, e apresentando algumas ‘historinhas’, fazendo transposição de conteúdos e modos de ensino baseado na escola para crianças.

Freire também criticou os materiais produzidos para a educação de adultos, principalmente os conteúdos trazidos pelas cartilhas que segundo o Autor traziam dois problemas fundamentais: o primeiro, porque tentavam domesticar os educandos, e o segundo, porque não estavam baseadas na realidade dos sujeitos adultos. Desta forma, desrespeitavam os alunos, ao conceber que o conhecimento deveria ser passado de maneira passiva e sem questionamentos dos conteúdos. (CAVALCANTE; FREITAS, 2014, p. 7-8)

Seguindo a linha de educação alienadora, o Ministério da Educação, lança a segunda cartilha denominada *Saber*. A cartilha apresenta textos pequenos e alguns deles com características moralistas, confirmando as vozes dos educadores populares, que criticavam o ensino aplicado na CEAA, e que ecoavam por uma educação consciente, voltada para a formação crítica do cidadão.

No início da década de 1960, surgem, ‘as tão sonhadas’, campanhas de educação popular. A partir de discussões realizadas no 2º Congresso Nacional de Educação de Adultos, surgiu a necessidade da construção de materiais didáticos que permitissem uma educação problematizadora, em que os alunos assumissem sua condição ontológica.

O Movimento de Cultura Popular (MCP) foi o pioneiro na produção de material didático voltado para educação, em massa, de adultos. O *Livro de Leitura para Adultos*, publicado em 1962 – Recife, com textos provocadores da consciência política, sua organização foi pensado, especificamente, para trabalhadores nordestinos.

O livro do MCP serviria de inspiração para outros materiais de leitura dos diferentes movimentos de cultura popular criados naquele período, como a Campanha De Pé no Chão Também se Aprende a Ler, em Natal (1963), e a Campanha de Alfabetização de Adultos da UNE (1962). (MELLO, 2010, p. 72)

Para a sistematização da aula, havia a utilização de diversos recursos didáticos como: cartazes, gravuras e slides. “Desencadeava-se um debate em torno do tema e só então a palavra escrita era analisada em suas partes componentes: as sílabas”. (FAÇANHA, 2014, p. 14)

Dentre as Campanhas, que seguiram o exemplo do MCP, e produziram materiais didáticos para suas aulas, destacamos a Campanha de Educação Popular da Paraíba (CEPLAR).

De acordo com Scocuglia (2000), além de elaborar um livro, intitulado *Força e Trabalho*, para complementar a alfabetização – direcionado à experiência do ciclo primário para os recém-alfabetizados pelo Sistema Paulo Freire – os dirigentes da CEPLAR produziram materiais didáticos para formação de coordenadores de debates.

Uma das ideias nucleares que permearam as campanhas paraibanas foi a da mudança da “realidade”, mediante o instrumento do voto. Em todas as cartilhas e materiais didáticos, essa ideia esteve presente, com destaque “Voto” foi uma palavra “geradora” ou “significante” [...]. A CEPLAR trabalhou pela “revolução do voto” com todas as suas forças. (SCOCUGLIA, 2014, p. 3)

Esses livros e materiais produzidos dentro, ou a partir, dos movimentos sociais foram extremamente importantes para a EDA, uma vez que houve o rompimento com as metodologias de alfabetização para adultos vigentes no país, baseadas nos métodos sintéticos, que partiam das unidades menores para as maiores, empregados ainda na silabação. À época, a elaboração de materiais tendo como base os princípios freireanos, apesar de ainda conter uma concepção estruturalista, na modalidade de EDA, foi considerada inovadora. No entanto, o avanço foi mais metodológico que linguístico, tendo como ponto de partida, uma unidade significativa: a palavra geradora.

3.2 MATERIAIS DIDÁTICOS DA CEPLAR: uma contribuição para a conscientização popular

A EJA como modalidade própria, possuidora de uma identidade peculiar, preconiza, desde as primeiras campanhas de alfabetização, que devem ser levadas em consideração características como os perfis dos estudantes, as faixas etárias, assim como a necessidade de um modelo pedagógico próprio.

Na década de 1960 a questão levantada foi em relação aos materiais didáticos. Os materiais produzidos, anteriormente, não representavam a realidade dos sujeitos adultos, nem os caracterizavam. Nas cartilhas, geralmente, eram apresentadas atividades voltadas à

alfabetização de crianças e os conteúdos tentavam domesticar os alunos sem desenvolver a conscientização do educando. (CAVALCANTE; FREITAS, 2014; FERREIRA 2005).

As campanhas que surgiram a partir da década de 1960 começaram discussões sobre a relação entre conteúdo e método de alfabetização a partir dos materiais didáticos. A partir destas discussões “procuravam-se pistas nos manuais da UNESCO e exemplos nos textos elaborados em outros países, e dava-se início as elaborações próprias [...]” (FÁVERO, 2006, p. 176).

A Campanha de Educação Popular da Paraíba – CEPLAR tinha o método de ensino baseado no ‘método’ Paulo Freire. “Do ponto de vista do material didático, o método Paulo Freire, pouco estimulou a produção de recursos padronizados, além dos materiais de projeção visual” (MELLO, 2010, p. 73). Um dos seus alicerces eram as chamadas fichas de cultura (FREIRE, 1967), que serviam de roteiro prévio ao trabalho dos alfabetizadores e que comandavam toda a aula e o diálogo dirigido.

Foram produzidas na CEPLAR algumas fichas de cultura, que apresentavam temas que abordavam a relação homem versus natureza, o homem e sua realidade. “A ideia do homem/alfabetizando como ‘fazedor de cultura’, cuja leitura do mundo precede a da palavra, constituía o próprio cerne do processo de alfabetização-conscientização.” (SCOCUGLIA, 2000, p. 85).

Para a construção das fichas eram realizadas pesquisas, a fim de conhecer o vocabulário de cada grupo de estudo. A partir desta construía-se frases com os principais diálogos e ideias que ocorreram nas discussões ao longo da pesquisa.

O que se pretendia descobrir com o levantamento não eram homens-objeto, nem uma realidade neutra. Pretendia-se reconhecer os pensamentos e linguagens das pessoas. Eram falas que, a seu modo, desvelam-se o mundo e continha, para a pesquisa, os temas geradores falados através das palavras geradoras. Vejamos algumas frases (selecionadas pelas autoras) dos grupos de estudos:

GRUPO DAS DOMÉSTICAS: Ilha do Bispo, Varadouro e Torre.

- Matar a fome;
- Criar galinha;
- Alcançar uma vida melhor;
- Trouxa de roupa;
- Eu roo quando o povo vai votar e eu não vou. Só falto chorar;
- Se aprendesse a ler soltava uma dúzia de foguetão.

GRUPO DOS OPERÁRIOS: Ilha do Bispo, Varadouro e Torre.

- Trabalhar na enxada;
- Assinar com o dedo é triste;
- Minha luta é muito grande;

- Disseram que aqui é escola de velho;
- Aprendi um A e fiz um B;
- Pegar um emprego melhor. (forumeja.org.br – lista completa em anexo)

Ao término da pesquisa vocabular a Campanha tinha um amplo planejamento. Reuniões foram feitas, decisões de encaminhamento foram tomadas com a comunidade, pessoas foram conhecidas, grupos locais de pesquisa foram organizados. Com o material da pesquisa – falas registradas: escritas, gravadas, guardadas na memória – o próximo passo era a construção das fichas de cultura.

De acordo com Freire (1967), as fichas de cultura são desenhos feitos em cartazes ou projetados em slides. Uma após a outra, elas provocam os primeiros debates, as primeiras trocas de ideias entre o professor e os alunos, ou entre os alunos. Em conjunto elas introduzem ideias de base que, partindo de situações existenciais, possibilitam a apreensão coletiva do conceito de cultura e conduzem a outros conceitos fundamentais que muitas vezes reaparecerão e serão rediscutidos durante todo o trabalho de alfabetização.

Scocuglia (2000) em seu livro, *Histórias Inéditas da Educação Popular: do sistema Paulo Freire aos IPMs da ditadura*, apresenta as fichas de culturas produzidas na CEPLAR. A primeira ficha de cultura apresentava uma gravura que mostrava um homem em meio à natureza. Em seu roteiro lia-se:

O homem está no mundo, mas não está simplesmente, como as coisas. Ele está no mundo e com o mundo, no sentido de que o percebe, o compreende e o transforma [...]. A inteligência faz do homem um ser superior, rei do mundo, dominador dos animais e criador das coisas [...]. Objeto de cultura, portanto, é o resultado, é o fruto, é o produto do trabalho do homem que transforma a natureza [...]. O homem, entretanto, jamais deverá usar sua inteligência para dominar outro homem, pois assim fazendo ele está reduzindo o seu semelhante a animal irracional, a coisa, e, portanto, representando criminosamente o valor e a dignidade humanas. O homem é criador de cultura, sujeito da história e senhor do mundo. (IPM, vol. 18/23 *apud* SCOCUGLIA, 2000, p. 83).

Através do debate desta situação, em que se discute o homem como um ser de relações, chegavam-se à distinção entre os dois mundos – o da natureza e o da cultura. Percebiam-se a posição normal do homem como um ser no mundo e com o mundo.

Na segunda ficha destacou-se a diferença entre homem antes da natureza e os objetos de culturas. A gravura representada era a de um índio com um arco e uma flecha abatendo uma ave. A intenção deste círculo de cultura era demonstrar a inteligência do homem, ao criar situações para sua sobrevivência. Na terceira ficha valorizava-se a transmissão de cultura e a

aquisição de conhecimento, dando continuidade a proposta anterior, a gravura apresentava dois índios ensinando uma criança a caçar. (SCOCUGLIA, 2000).

A quarta ficha apresentava um homem abatendo uma ave com um rifle, e destacava o avanço das tecnologias. A quinta ficha investigava a diferença entre homem animal e homem racional, nesta a gravura trazia uma perseguição, um gato a espreita de um rato. Gravura esta que não tinha relação direta com o tema estudado, mas levava o aluno à reflexão do desenvolvimento do método de caça realizado pelo homem. (SCOCUGLIA, *op. cit.*).

A sexta ficha apresentava tema próximo a realidade dos educandos, apresentando textos sobre materiais de construção. A ficha sete versava sobre o tema trabalho, e apresentava uma casa simples e uma panela de barro. As orientações para os coordenadores eram:

Colocar aqui a importância do poder de criação do homem, que deixa o seu sinal, sua característica, a impressão pessoal, enfim, a sua alma em toda obra que realiza. Citar como exemplo as construções populares e os bonecos de Vitalino (de Caruaru), embora ligeiramente, pois trataremos disso nas politizações; deixar a idéia de que nem sempre o povo, o trabalhador, consegue firmar sua característica numa obra, embora participe da sua criação. (IPM, vol. 18/23 *apud* SCOCUGLIA, *op. cit.*, p. 85).

Após completar a sequência das fichas de cultura, o professor mostrava ao grupo a primeira palavra geradora. Isso deveria ser feito, por exemplo, logo depois da discussão da última situação existencial sugerida. Do mesmo jeito como no caso da sequência de cartazes das fichas de cultura, os das palavras geradoras deveriam sugerir, de maneira muito natural, ou seja, um debate a respeito do que já foi visto. Vejamos algumas palavras geradoras (selecionadas pelas autoras) estudadas na CEPLAR:

GRUPO DAS DOMÉSTICAS: Ilha do Bispo, Varadouro e Torre.

- Feira;
- Pia;
- Fubá;
- Panela;
- Ovos;
- Bife;
- Cabidela;
- Casa;
- Bacia.

GRUPO DOS OPERÁRIOS: Ilha do Bispo, Varadouro e Torre.

- Salário;
- Pá;
- Voto;
- Miséria;
- Caderno;
- Emprego;

- Matricula;
- Bola;
- Motor;
- Luta. (forumeja.org.br – lista completa em anexo)

As palavras geradoras são instrumentos que, durante o trabalho de alfabetização, conduzem os debates que cada uma delas sugere sobre a compreensão de mundo, a conscientização. (FREIRE, 1967). As palavras geradoras selecionadas pela CEPLAR contribuíram na formulação das dezoito lições de conscientização da campanha, ministradas nos grupos de João Pessoa.

Ao apresentarem a palavra geradora à turma, os professores levantavam questionamentos relacionados às palavras escolhidas. Deixava o grupo livre à troca de ideias que a figura da palavra sugeria. Assim, o grupo criava o seu tempo e o círculo discutia à vontade, até chegar e começar a dar ao professor sinais de que a hora de trabalhar a palavra chegara.

Para viabilizar os estudos das palavras geradoras, a CEPLAR de João Pessoa elaborou dezoito lições de conscientização, utilizadas nos círculos de cultura, sem distinção. Na lição um, trabalhou-se a palavra ‘tijolo’ e apresentaram-se questionamentos sobre trabalho. Foi realizado um estudo detalhado da palavra. Após responderem os questionamentos levantados sobre a palavra, o professor realizava o estudo silábico da palavra, apresentando a família silábica de cada fonema.

Ora, esgotado o trabalho sobre uma palavra geradora, o professor passava a sugerir que se trabalhasse sobre a segunda. Ele procedia da mesma maneira e, de uma para a outra, contava com uma participação mais intensa e mais sábia dos alunos.

Na lição três a palavra geradora foi ‘fome’. Vejamos as resposta dada pela CEPLAR a pergunta formulada pelos alunos: ‘Por que os alimentos necessários são tão caros?’:

Porque existe muita terra sem cultivo. Os donos de terras, os latifundiários não se preocupam em cultivá-las, pois gastariam. Deixando-as incultas esperam com o correr do tempo valorizá-las para vender e enriquecer ainda mais. Além disso, há ainda dificuldade de transportar esses produtos para as cidades, devido à carência de transportes e boas estradas. (IPM, vol. 18/23:37 *apud* SCOCUGLIA, 2000, p. 86).

Na lição seguinte a palavra geradora ‘comunicação’ fazia uma ligação com os temas discutidos pelos alunos na aula anterior. A lição seis apresentava a palavra ‘jogo’ como tema central da discussão. Nas lições sete e oito a palavra geradora é ‘operário’, um tema que levantou diversos questionamentos, sendo necessárias duas aulas para trabalhar o tema. Leiam-se os questionamentos levantados para debate na lição oito:

O dono da fábrica mora numa rua calçada, saneada, sua casa é de telha, um palacete, tem vários carros, geladeira, televisão, seus filhos estudam. a) as necessidades do operário não são as mesmas do patrão? b) e por que o operário não tem nada? c) ele ganha pelo que produz? Não, ele por exemplo trabalha dez horas e ganha só o equivalente a seis horas de trabalho (...). Quantas pessoas trabalham na fábrica? 150, 200..., então o patrão fica com quatro horas de cada um sem pagar e enriquece como jamais faria se ele mesmo trabalhasse, e vai construir o time dos burgueses. Que outro time está no campo da vida? – O do povo. Que grande arma pode usar o time do povo para vencer a jogada? – Ser unido. Ele é quem manobra as máquinas do patrão. Ele pode fazer greve. O patrão tem máquina, tem fábricas mas não os braços do operário quem as faz trabalhar. Se todos se unirem não há patrão que resista. (IPM, vol. 18/39 *apud* SCOCUGLIA, 2000, p. 87).

A décima lição tinha como palavra geradora 'luta', nesta aula eram apresentados os objetivos e ideais da campanha. Nas últimas lições eram discutidas as principais palavras, que norteavam o trabalho realizado pela campanha: liberdade e democracia:

Algumas lições traziam, na parte dos exercícios, frases para serem completadas. Na lição 9, por exemplo, pedia-se que fossem complementadas três frases: "1) O povo unido pode; 2) Nossa escola é a Ceplar; 3) A fome mata o povo". Ainda na parte dos exercícios, solicitava-se a cópia de algumas frases, como na lição 3: "O povo não vota", ou ainda a separação silábica de palavras, como "fome", "luta", etc. (SCOCUGLIA, *op. cit.*, p. 89).

Além das fichas de cultura a CEPLAR elaborou fichas roteiros destinados aos coordenadores de alfabetização, a fim de complementar as aulas. Porto e Lage (1995) destaca a utilização de quatro fichas roteiros, em João Pessoa, que nortearam os debates nas salas de aulas, vejamos:

- 1 – Casa em construção
 - Conceituação de homem:
 - a) ser racional, pensa, cria e transforma;
 - b) instrumento de transformação, o trabalho.
 - O trabalho do homem tem de ser revestido em benefício dele? Libertando-o? Escravizando-o?
 - O trabalho como direito de todos:
 - a) o progresso, fruto do trabalho, se destina ao homem;
 - b) o trabalho deve dar condições de vida a todos.
 - Dignidade do trabalho: todo trabalho é digno, no entanto ele não está dando condições de dignidade ao homem.
- 2 – Uma feira:
 - Conceito de povo;
 - Conceito de classes sociais;
 - A feira e as classes sociais - contrastes;
 - Fome, carestia, poder aquisitivo;
 - Sistema de produção.
- 3 – Operários recebem dinheiro:

- Relações de trabalho, capital e salário;
- Salário absorvido pela inflação;
- Solução: participação no comando e no lucro das empresas.

4 – Campo de futebol:

- Diversão, valorização;
- Profissionalização – malandragem;
- Comercialização;
- Alienação (peleguismo). (PORTO;LAGE, 1995, p. 49-50).

Quando da ampliação da CEPLAR, para o interior do Estado, viu-se a necessidade de adaptação destes materiais para cada região, respeitando a especificidade de cada região do educando. “O material didático era todo ele projetado em reunião com os coordenadores, que participavam de sua concepção sob a orientação da responsável da área.” (PORTO; LAGE, 1995, p. 83).

Na CEPLAR de Campina Grande, destacamos as fichas roteiros, que foram usadas como ‘provas da subversão’ no Inquérito Policial Militar (IPM) instaurado pelo Exército, após o golpe de 1964, que apresentavam conceitos similares aos usados em João Pessoa.

Essas fichas eram produzidas da seguinte maneira: Neiva tirava uma foto de uma paisagem comum aos alunos, da própria comunidade, e entregava a Gráfica GRAFSET, onde eram reproduzidos os slides para projeções - nós trabalhávamos com projetores japoneses - e os materiais eram distribuídos aos alunos. O material do coordenador era o mesmo do aluno e tinham exercícios que eram para os alunos. Realmente eles formavam palavras que às vezes não tinham nada haver.⁴

No primeiro roteiro foi trabalhado a palavra ‘tijolo’ e no segundo roteiro a CEPLAR-CG trabalhou a palavra ‘povo’ e apresentava como texto orientador as seguintes palavras:

Em nossa sociedade os homens são iguais? Não! Por quê? Por que a sociedade está dividida em classes. De um lado estão os trabalhadores – camponeses, operários, comerciários, pequenos comerciantes etc. Estes vivem do seu trabalho. Do outro lado estão os que dominam esse trabalho porque o compram. São os latifundiários, os industriais, os políticos burgueses etc. (Os primeiros) constituem o que se chama povo pois formam a classe dominada (...). Povo é, conseqüentemente, a maioria dos brasileiros: operários, camponeses, comerciários, trabalhador braçal, pedreiro, pequeno comerciante, analfabetos, etc. (IPM, vol. 18/23:1772 *apud* SCOCUGLIA, 2000, p. 103).

Salete Van Der Poel afirma que nas avaliações para elencar as palavras geradoras tinham que aparecer às palavras tijolo e povo, mas que não era obrigatório estudá-las. Devido

⁴ Depoimento oral de Salete Van Der Poel concedido em 23 de julho de 2014.

ao contexto histórico, ao realizarem as pesquisas vocabulares estas palavras apareciam em quase todos os diálogos das comunidades.

O roteiro três apresentou novamente a palavra ‘fome’ e os debates versavam sobre a organização das classes populares em busca de seus direitos. O roteiro seguinte apresentava as palavras ‘rua’ e ‘lixo’, conscientizando o educando sobre a produção e lucro. Nos roteiros cinco, seis e sete foram apresentadas palavras que chamavam a atenção dos educandos sobre sua condição de vida, vejamos: ‘alagado’, ‘seca’, ‘boteco’, ‘vazante’, ‘latifúndio’, ‘roçado’ e ‘enxada’.

Além das peculiaridades e das divergências presentes em cada Campanha, é importante perceber o destaque dado às ideias [sic] socialistas/comunistas sobre os textos mais radicais, tanto nas "dezoito lições de conscientização" (usadas no eixo João Pessoa–Sapé), como nas fichas-roteiro (usadas em Campina Grande). (SCOCUGLIA, 2000, p. 105).

As dezoito lições, as fichas de cultura e as fichas roteiros, além de alfabetizar os adultos, apresentaram temas destinados à conscientização dos alunos. Estes temas concretos da vida que espontaneamente aparecem quando se fala sobre ela, remetem a questões que sempre são as das relações do homem: com o seu meio ambiente, a natureza, através do trabalho; com a ordem social da produção de bens sobre a natureza; com as pessoas e grupos de pessoas dentro e fora dos limites da comunidade, da vizinhança, do município, da região.

Com a aplicação dos métodos, explanados anteriormente, e o término das quarenta horas percebeu-se a necessidade de um material que auxiliasse a apreensão dos conteúdos estudados.

Via-se que ao término das quarenta horas, caso não houvesse uma continuidade nestes estudos, a aprendizagem seria frágil e poderia, rapidamente, ser perdida. O questionamento passou a ser em torno de como consolidar tal aprendizagem, como garantiria de que os conteúdos apreendidos teriam uma evolução a partir dos conteúdos estudados.

A avaliação dos trabalhos desenvolvidos pela CEPLAR até então demonstrava que o ‘método’ levava os alunos a ler e escrever pequenos textos. No entanto, era necessário e urgente elaboração de um livro que complementasse o processo de alfabetização e conscientização.

A idéia (sic) de um livro de textos simples mas ricos em conteúdo, em torno do qual se aprofundariam os conhecimentos dos alfabetizados e se consolidariam suas aquisições foi, poucos meses depois, concretizada num livro intitulado **Força e Trabalho**. Essa idéia (sic) interessou a equipe do SEC que pensou integrá-la na terceira fase do Sistema Paulo Freire, em elaboração por ela, naquele momento. (PORTO; LAGE, 1995, p. 51, grifo nosso).

Os membros da CEPLAR trabalharam nesse livro (ver anexo) a partir de sua própria experiência com os alunos. As lições e o título versavam sobre os trabalhos, sobre a vida cotidiana dos alunos e de sua participação política e social. O título do livro era sugestivo, discutia uma alfabetização voltada para trabalhadores que são a principal força do País. O principal objetivo do livro “[...] era servir de base à uma formação global, considerada nos seus aspectos linguísticos [...], ‘cívico’ [...], de cultura geral [...] e de matemática [...]”. (PORTO, LAGE, 1995, p. 58-59).

Na confecção dos textos, foram incluídos escritos dos próprios alunos já alfabetizados pela Campanha, constituindo-se num avanço do próprio sistema Paulo Freire, que não costumava publicar o texto dos alunos. Devido ao Golpe Militar o livro não chegou a ser publicado oficialmente, sendo salvo em sua forma mimeografada. (SCOCUGLIA, 2000).



Figura 2 – Capa do livro mimeografado, Força e Trabalho (forumeja.org.br)

O livro elaborado pela campanha apresenta uma capa simples. Seguindo as características das fichas de cultura e roteiro, há uma gravura. Neste são representados dois alunos trabalhadores, descalços, com um papel escrito a sigla da campanha. No alto o texto ‘alfabetização de adultos’ que norteia para quem é destinado as atividades. Abaixo vemos a designação da campanha. Percebesse que o título sugerido pela campanha, ‘Força e Trabalho’, não está exposto no livro em sua versão mimeografada.

O livro, com dezesseis páginas, apresenta oito textos que retratam a realidade do educando. Os temas abordados nos textos versam sobre trabalho, regionalismo e condição de vida. Pequenos textos, com frases curtas e de fácil assimilação, que trazem gravuras para facilitar a compreensão textual. Após leitura textual são apresentados exercícios que abordam conteúdos de português, matemática, ciência e geografia. Não percebemos no livro uma distinção de disciplinas, os exercícios são apresentados sem anúncio de conteúdo. O objetivo principal era a aquisição da escrita e da leitura através de temas relacionados as classes populares. Trazendo frases de ordem, o livro, constantemente, lembra a marginalização da população, e de seu processo de conscientização, a fim da busca de reconhecesse como transformador do mundo.

Como vimos à campanha não se restringiu a elaboração de um livro. Diversos materiais didáticos voltados à alfabetização de adultos foram produzidos pela CEPLAR. Dentre os quais, destacamos o material destinado à formação de professores, dirigidos à aqueles que não tiveram oportunidade de realizar o curso de formação diretamente oferecido no Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife (SEC-UR). Neste, os jovens que participaram do curso de formação, relatam a importância e inovação do método, a saber:

Não somente um método ativo, participante, dialogal, não só a se alfabetizarem mas ainda a ganharem consciência de sua responsabilidade social e política. O sistema proporciona ao homem muito mais que simples alfabetização, pois através da discussão de problemas locais, regionais e nacionais torna-o mais crítico e leva-o posteriormente a se conscientizar e a se politizar. Ao invés da escola noturna para adulto foi criado o Círculo de Cultura. O professor é substituído pelo coordenador de debates. O aluno, pelo participante do grupo. A aula, pelo diálogo. Os programas, por situações existenciais, capazes de, desafiando os alunos, levá-los, pelo debate das mesmas, a posições mais críticas. (IPM, vol. 18/23, 1675 *apud* SCOCUGLIA, 2000, p. 62).

Relatam-se, também, as fases de alfabetização do ‘método Paulo Freire’ a partir das palavras geradoras, leia-se:

- 1º) Projeção da situação sociológica com a primeira palavra geradora (representação gráfica da expressão verbal da percepção do objeto). Inicia-se o debate em torno de suas implicações. Somente quando o grupo esgotou com o coordenador a análise da situação dada, se volta o educador para a segunda etapa;
- 2º) Visualização da palavra geradora, relacionada com o objeto ou ação representada na ficha;
- 3º) Decomposição da palavra geradora. Reconhecidos os pedaços (assim é que os analfabetos identificam os fonemas) na etapa de análise, passa-se para a visualização das famílias fonêmicas que compõem a palavra em estudo. Em seguida apresentam-se num slide as famílias reunidas. Daí parte-se para a última análise, a que leva às vogais" (IPM, vol. 18/23:1676 *apud* SCOCUGLIA, *op. cit.*, p. 64).

Para apresentar o ‘método Paulo Freire’ e realizar a formação de novos coordenadores, eram organizados cursos com duração de uma semana, para debater todos os conceitos que estavam relacionados à educação popular e a educação de adultos. Vejamos o cronograma destinado à formação de coordenadores de círculo da CEPLAR-CG:

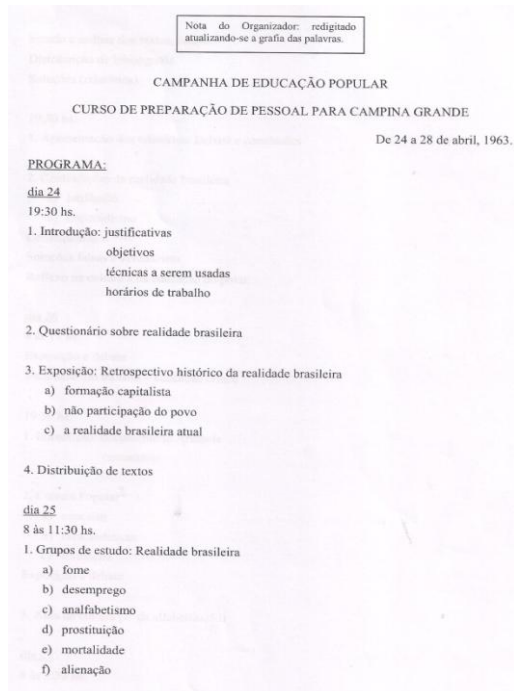


Figura 3 – Curso CEPLAR-CG

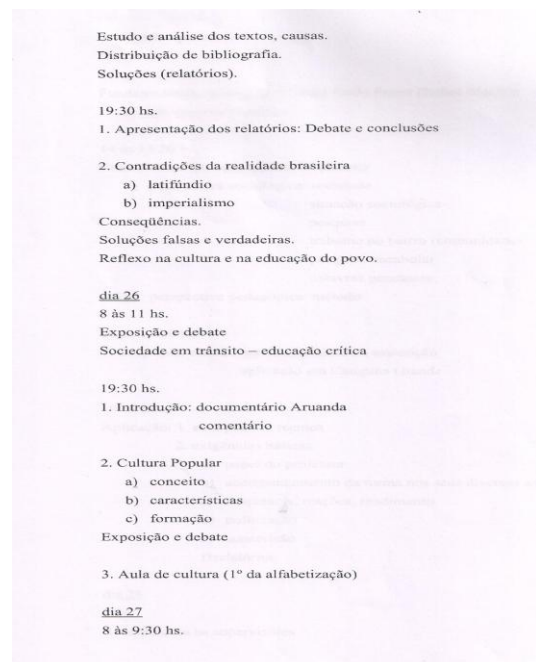


Figura 4 – Curso CEPLAR-CG

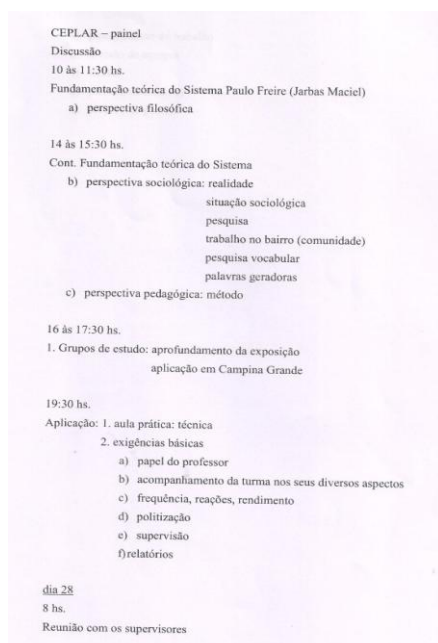


Figura 5 – Curso CEPLAR-CG

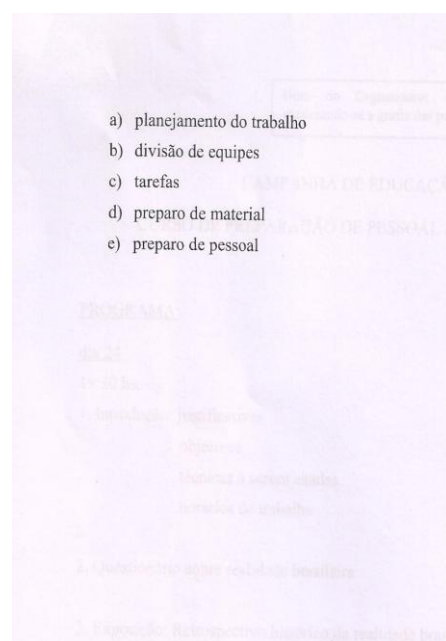


Figura 6 – Curso CEPLAR-CG

Sobre a formação dos coordenadores de círculo da CEPLAR-CG, Salete Van Der Poel afirma:

Eu sei que se inscreveram quase 200 secundaristas e universitários, para receber um treinamento. Nós começamos esse treinamento em novembro, foi praticamente, novembro, dezembro e janeiro. Desses quase 200 estudantes, ficaram assim um grupo de uns cem. No fim, desses cem que ficaram foram escolhidos 55 para fazer o curso e tiveram aula novembro, dezembro e mais ou menos até o meio de janeiro de 64. Estavam prontos para assumir os ‘círculos de cultura’ em 55 lugares diferentes, nos bairros de Campina Grande. Quando foi a segunda semana de fevereiro de 64, nós iniciamos o funcionamento de 55 círculos de cultura – nas salas dos grupos escolares cedidos por Newton Rique (prefeito), todos à noite. Além de ceder essas salas, a Prefeitura nos cedeu o transporte para supervisionarmos esses 55 círculos.⁵

Como podemos observar o ‘método’ pressupôs a elaboração de material didático a partir da cultura do grupo que foi alfabetizado. Foram elaborados materiais para a alfabetização e para a pós-alfabetização. De modo geral, os materiais que se voltaram à alfabetização, abordaram situações comuns entre as classes populares, já os materiais destinados a pós-alfabetização voltaram-se para a formação política.

Destacamos que nada foi rígido no ‘método’ de alfabetização. Ele não se impôs sobre a realidade, sobre cada caso. Ele serviu a cada situação. O mesmo trabalho coletivo de construir o método, a cada vez, foi mantido no trabalho de ajustar, inovar e criar a partir dele. Nada foi rígido e não havia receitas. Havia uma proposta de trabalho através do diálogo e havia uma lógica no processo coletivo de aprender a ler e a escrever. “Embora inseparáveis, a politização foi muito mais produtiva que a alfabetização no uso do ‘método’ Paulo Freire pela CEPLAR.” (SCOCUGLIA, 2009, p. 146). Era esta a discussão que a campanha pretendia alcançar. Localizar o adulto analfabeto no mundo, conscientizando-o sobre sua importância e sobre seu poder de transformar o mundo.

⁵ Depoimento oral de Salete Van Der Poel concedido em 23 de julho de 2014.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na história da educação paraibana, a década de 1960, com toda efervescência em torno das campanhas de alfabetização/educação de adultos, significou um avanço em termos de melhoria na educação da Paraíba. Neste contexto a atuação da CEPLAR ganhou grande importância como pioneira da aplicação das propostas de Paulo Freire e da sua equipe do Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife – SEC/UR. Empenhou-se em oferecer a população não somente a oportunidade de ser alfabetizada, mas um espaço onde as massas pudessem conhecer seus direitos e aprender a lutar por eles.

Entendemos que a Educação de Jovens e Adultos é um direito, importante e valioso, uma condição prévia a outros aspectos de nossa sociedade: ler livros, entender cartazes, escrever cartas, sentar-se ao computador, votar com consciência, assinar o nome em registros, ler um manual de instruções e, tratando-se de um poeta ou um músico, escrever e ler seus próprios versos e notas (CURY, 2008).

Nesse contexto, os materiais didáticos puderam contribuir para a melhoria na qualidade de atendimento à EJA e para a aprendizagem dos alunos, destruindo ideias inaceitáveis como a de que o adulto já possui lugar na sociedade e por isso não poderiam ser alfabetizados.

O analfabeto apreende criticamente a necessidade de ler e escrever. Prepara-se para ser o agente desta aprendizagem. E consegue fazê-lo na medida em que a alfabetização é mais que o simples domínio mecânico de técnicas para escrever e ler. Ela é o domínio das técnicas em termos conscientes. É entender o que se lê, e escrever o que se entende.

Um dos objetivos do material didático para a educação de adultos, além de contribuir com o processo de ensino-aprendizagem, é despertar no aluno que a alfabetização é um passo no processo da cidadania, pois abre um horizonte na vida do adulto. Ela não é fim, porém início, com o despertar para o desempenho da pessoa como ser social.

O conjunto de materiais didáticos da CEPLAR, apresentados neste trabalho, representa apenas um pequeno fragmento das produções desenvolvidas, visto que muitos materiais foram perdidos e até mesmo danificados na ruptura da Ditadura Militar. Do ponto de vista da forma e da materialidade, essas produções revelam diversas situações e contextos de produção, e retratam um acesso desigual às fontes de recursos governamentais por parte dos integrantes da Campanha.

As produções pedagógicas da CEPLAR, apresentadas, eram guiadas pela ideia de que o domínio da leitura e da escrita acrescentava imediatamente as noções de higiene geral como medidas sanitárias, erradicação de vícios, formação da família e o cultivo das boas práticas

morais. Além de serem enraizados por textos filosóficos que trabalhavam a conscientização popular através dos males da sociedade, a todo instante os adultos eram lembrados de sua marginalização.

A alfabetização é uma etapa fundamental para que as pessoas possam adquirir maior autonomia para transitar no mundo da escrita. E assim descobrir as mais variadas formas de conhecimentos, podendo explorar aquilo que tiver vontade, sem esperar que outro alguém possa guiá-lo. E fazê-la em 40 horas, se torna algo mecânico e inacabado.

No que diz respeito ao educador Paulo Freire e sua obra, cabe-nos considerar a importância de sua perspectiva, em que pese à educação como instrumento de mudança social. Sob essa perspectiva, para Freire, a educação deve visar sempre à libertação, à transformação radical da realidade, para torná-la mais humana, permitindo assim que homens e mulheres sejam vistos e reconhecidos como sujeitos de sua história e não como meros objetos. A educação, na sua visão mais ampla, deve possibilitar a leitura crítica do mundo.

Portanto, reconhecendo também os avanços e mudanças em relação à Educação de Jovens e Adultos em nosso país, fato que aponta para a validade desta modalidade de ensino, expondo sua importância no contexto educacional e social, esperamos estimular novos estudos acerca dos materiais didáticos construídos para educadores e alunos que a constituem, onde figurem como meio e não fim no processo do aprender contínuo.

REFERÊNCIAS

CAVALCANTE, Valéria C.; FREITAS, Marinaide L. Q. **Um olhar sobre os materiais didáticos de leitura da Educação Adultos e de Jovens e Adultos**. Disponível em: <<http://www.catedraunescojea.org/GT07/COM/COM015.pdf>>. Acesso em: 10 de março de 2014.

COMENIUS, Iohannis Amos. **Didactica Magna. (1621-1657)**. Versão para eBook. Disponível em: <http://www.vdl.ufc.br/solar/aula_link/llpt/A_a_H/didatica_I/aula_01/imagens/04/didactica_magna.pdf>. Acesso em: 25 de julho de 2014.

COMERLATO, Denise Maria. **500 anos de Alfabetização de Jovens e Adultos no Brasil**. Disponível em: <http://pead.faced.ufrgs.br/sites/publico/eixo7/eja/500_anos_de_alfabetiza%E7%E3o_de_jovens_e_adultos_no_brasil.pdf>. Acesso em: 22 de fevereiro de 2014.

CURY, Carlos Roberto J. A Educação Básica como direito. In: **Cadernos de Pesquisa**, v. 38, n. 134, p. 293-303, maio/ago. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v38n134/a0238134.pdf>>. Acesso em: 17 de maio de 2014.

DI PIERRO, Maria Clara; JOIA, Orlando; RIBEIRO, Vera M. Visões da educação de jovens e adultos no Brasil. In: **Cadernos CEDES**. 2001, vol. 21, n.55, p. 58-77. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v21n55/5541.pdf>>. Acesso em: 22 de fevereiro de 2014.

ESTATUTOS DA CAMPANHA DE EDUCAÇÃO POPULAR – (CEPLAR). Disponível em: <<http://forumeja.org.br/df/sites/forumeja.org.br/df/files/est.pdf>>. Acesso em: 15 de fev. de 2014.

FAÇANHA, Sabrina C. M. **História e memórias da Educação Popular paraibana nos anos 1960**. Disponível em: <<http://catedraunescojea.org/GT08/COM/COM011.pdf>>. Acesso em: 24 de maio de 2014.

FÁVERO, Osmar. **Uma pedagogia da participação popular: análise da prática educativa do MEB – Movimento de Educação de Base (1961-1966)**. Campinas: Autores Associados, 2006.

_____. Materiais didáticos para a Educação de Jovens e Adultos. In: **Caderno Cedes**, Campinas, vol. 27, n° 71, p. 39-62, jan./abr. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v27n71/a04v2771.pdf>>. Acesso em: 10 de março de 2014.

_____. **Memória das campanhas e movimentos de educação de jovens e adultos (1947-1966)**. Disponível em: <<http://www.forumeja.org.br/df/files/leiamais.apresenta.pdf>>. Acesso em: 10 de março de 2014.

FERREIRA, Jalmira Linhares D. **Alfabetização nas ondas do rádio: materiais didáticos e práticas culturais**. João Pessoa – PB, 2005. Disponível em: <http://bdtd.biblioteca.ufpb.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=685>. Acesso em: 22 de fevereiro de 2014.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 10ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

_____. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**; [tradução de Kátia de Mello e Silva; revisão técnica de Benedito Eliseu Leite Cintra]. – São Paulo: Cortez & Moraes, 1979. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/paulofreire/paulo_freire_conscientizacao.pdf>. Acesso em: 02 de abril de 2014.

GADOTTI, Moacir. Estado e educação popular: políticas de educação de jovens e adultos. In: **Paixão de Aprender**, nº 5, out. 1993, p. 54-65. Disponível em: <<http://acervo.paulofreire.org:8080/xmlui/handle/7891/1295#page/1/mode/1up>>. Acesso em: 18 de junho de 2014.

_____. **MOVA**, por um Brasil Alfabetizado. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2008 – (Série Educação de Adultos; 1). Disponível em: <<http://www.paulofreire.org>>. Acesso em: 18 de junho de 2014.

GAGNÉ, Robert M. **Como se realiza a aprendizagem**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1971.

MARCONI, Marina de A.; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. 6ª edição. São Paulo: Atlas; 2008.

MELLO, Paulo Eduardo D. **Material didático para educação de jovens e adultos: história, formas e conteúdos**. São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-26012011-142038/pt-br.php>>. Acesso em: 12 de janeiro de 2014.

NÉRICI, Imídeo. G. **Introdução à didática geral**. 16ª edição. São Paulo: Atlas, 1991.

PAIVA, Vanilda. P. **Educação popular e educação de adultos: contribuição à história da educação brasileira**. 5ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 1987.

PORTO, Maria das Dores P. O.; LAGE, Iveline L. C. **CEPLAR: história de um sonho coletivo – uma experiência de educação popular na Paraíba destruída pelo golpe de Estado de 1964**. 1ª edição. JOÃO PESSOA – PB: Conselho Estadual de Educação, 1995. Governo do Estado da Paraíba – Secretaria da Educação e Cultura. Disponível em: <<http://forumeja.org.br/df/files/livro.ceplar.pdf>>. Acesso em: 12 de janeiro de 2014.

RISSO, Suzana A.; SILVA, Marilei Aparecida V. Alfabetização de adultos nos anos 60: movimentos de educação popular e o Método Paulo Freire. In: **SIMPÓSIO DE EDUCAÇÃO: Formação de Professores no contexto da Pedagogia histórico-crítica**. Cascavel – Paraná. 2007. Disponível em: <<http://www.unioeste.br/cursos/cascavel/pedagogia/eventos/2007/trabalhos.html>>. Acesso em: 12 de janeiro de 2014.

ROCHA, Halline Fialho da; KARL, Helena de Azevedo; VEIGA, Marise Schmidt; GUIMARÃES, Michele. As Práticas Educativas na Educação de Jovens e Adultos. In: BELLO, José Luiz de Paiva. **Pedagogia em Foco**. Petrópolis, 2002. Disponível em: <<http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/jovens01.html#resul>>. Acesso em: 12 de agosto de 2013.

RUIZ, João Álvaro. **Metodologia Científica**: Guia para eficiência nos estudos. São Paulo: Atlas, 1996.

SCHMITZ, Egideo F. **Fundamentos da Didática**. 7ª edição. São Leopoldo – RS: UNISINOS, 1993.

SCOCUGLIA, Afonso Celso. CEPLAR: memória de um movimento de cultura e Educação Popular. In: **Em Aberto**, Brasília, ano 11, nº 56, p. 75-80, out./dez. 1992. Disponível em: <<http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/835/749>>. Acesso em: 24 de fev. de 2014.

_____. **Histórias Inéditas da Educação Popular**: do Sistema Paulo Freire aos IPMs da ditadura. São Paulo: Cortez Editora/UFPB/Instituto Paulo Freire, 2000. Disponível em: <<http://www.paulofreire.ufpb.br/paulofreire/Controle?op=detalhe&tipo=Livro&id=1215>>. Acesso em: 12 de janeiro de 2014.

_____. Sistema Paulo Freire: uma experiência pioneira e o Golpe Militar de 1964. In: **Colóquio Internacional Paulo Freire**. Recife – PE. 2001. Disponível em: <<http://www.paulofreire.ufpb.br/paulofreire/Controle?op=detalhe&tipo=Seminario&id=810>>. Acesso em: 26 de fev. 2014.

_____. **Populismo, ditadura e educação**: Brasil, Paraíba, anos 1960. João Pessoa – PB: Ed. Universitária da UFPB, 2009.

_____. **História e educação popular na Paraibrasil (1961/1970)**. Disponível em: <http://www.ufmt.br/revista/arquivo/rev14/histeduc_popular_na.html>. Acesso em: 24 de fev. de 2014.

STRELHOW, Thyeles Borcarte. Breve história sobre a Educação de Jovens e Adultos no Brasil. In: **Revista HISTEDBR on-line**, Campinas, nº 38, p. 49-59, jun. 2010. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/38/art05_38.pdf>. Acesso em: 12 de janeiro de 2014.

VERAS, Dimas B. **Sociabilidades letradas no Recife**: a revista Estudos Universitários (1962-1964). Recife-PE, 2010. Disponível em: <http://www.bdtf.ufpe.br/bdtf/tedeSimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=705>. Acesso em: 23 de julho de 2014.

ANEXOS